



HOUELLEBECQ, Michel. **En Présence de Schopenhauer**. Paris: Editions de L'Herne, 2017. 91 p.

**Eli Vagner Francisco Rodrigues**

*Professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP)*

*E-mail: [elivagner@faac.unesp.br](mailto:elivagner@faac.unesp.br)*

**O** *Enfant terrible* da literatura francesa contemporânea, Michel Houellebecq, prêmio Goncourtem 2010 (*Prix Goncourt du premier roman*<sup>1</sup>) por *La Carte et le Territoire* (O Mapa e o Território), lançou, em 2017, pela editora francesa “*Editions de L'Herne*”, seu livro sobre a filosofia de Schopenhauer. Houellebecq é autor da recente e polêmica obra “*Submissão*”, uma espécie de distopia na qual uma França, enfraquecida em suas lideranças progressistas pelas disputas políticas contemporâneas, pautadas pela tolerância e pelo multiculturalismo, se vê, depois de um rápido processo de transição política, totalmente inesperado pela maioria dos analistas políticos, dirigida por um líder islâmico. A derrota do pensamento explicitamente descrita em “*Submissão*” e a resistência em defender certos ideais do iluminismo, como a ideia de progresso, por exemplo, apontam, nesta e em outras obras, para uma aproximação de Houellebecq com pontos de vista muito próximos da perspectiva schopenhaueriana. Entre suas obras mais conhecidas figuram “*Partículas Elementares*”, de 1998, sucesso editorial que praticamente lançou Houellebecq no mundo literário (e da polêmica) e que gerou um filme do diretor alemão Oskar Roehler. A obra é considerada um clássico do niilismo literário contemporâneo, título que, por si só, aponta para diversas contradições, mas que também revela que alguns traços da atmosfera filosófica do final do século XIX constituem uma influência perene na cultura ocidental. O romance recebeu o Prêmio *Décembre* de melhor livro do ano em 1998. Em 2001, Houellebecq publicou “*Plataforma*”, e, quatro anos depois, “*La Possibilité d'une île*” (A possibilidade de uma ilha), que ganhou o Prêmio *Interallié*. Em 2015, no mesmo dia em que Houellebecq retornou às livrarias com “*Submission*” (Submissão - a palavra/tradução- ocidental para Islã), a equipe editorial de Charlie Hebdo foi dizimada por dois terroristas islâmicos. Com prefácio de Agathe Novak-Lechevalier, docente sênior

---

<sup>1</sup> O prêmio Goncourt é considerado o maior prêmio literário da França. É atribuído a um romance para celebrar o melhor livro de ficção em prosa a cada ano.

da Universidade de Paris X - Nanterre, e editora do “*Cahier*” dedicado a Michel Houellebecq da mesma editora, (*L’Herne*), a obra sobre Schopenhauer é um apanhado de comentários a trechos dos dois volumes de *O mundo como vontade e representação* e dos *Aforismos sobre a sabedoria de vida*.

Houellebecq tem em Schopenhauer, segundo ele próprio, um dos autores centrais para o desenvolvimento, tanto das características de seus personagens, quanto da visão geral sobre a cultura e a civilização atuais. Suas obras representam o que já foi definido pela crítica como um exemplo de uma escrita niilista efetivamente marcada pelas contradições da chamada modernidade tardia (pós-modernidade), na contramão do politicamente correto, sobretudo na caracterização do comportamento das personagens, invariavelmente envolvidas em uma atmosfera de miséria afetiva, nas contradições da sexualidade pós 68 e no tratamento de questões políticas e culturais. Mas como seria possível tal influência se não se trata de um filósofo pós-moderno? A resposta para tal vínculo estaria na inspiração pessimista em relação aos ideais civilizatórios, uma concepção muito próxima da concepção e do papel do artista em relação à verdade metafísica e moral e, por assim dizer, nenhum entusiasmo em relação ao islamismo, entre outros aspectos. A obra *Em Présence de Schopenhauer* (Editions de L’Herne, Paris, 2017, 91 páginas), ainda sem previsão de tradução para o português, pretende, segundo o próprio autor, em linhas gerais, sustentar a tese segundo a qual a atitude intelectual de Schopenhauer deve ser uma referência para aqueles que se ocupam da filosofia nos dias atuais. Sua estratégia de escrita foi a de analisar longos trechos do “Mundo como Vontade e como Representação”, dos suplementos ao “Mundo” e dos “Aforismos sobre a sabedoria de vida”, passagens pelas quais declara ter um apreço especial, e comentá-las de maneira livre, ensaística. O resultado evidencia que Houellebecq é um leitor, como se esperava, experimentado em questões estéticas e que apresenta uma interpretação atenta e penetrante de passagens cruciais da obra do filósofo de Frankfurt. Por outro lado, a obra pode ser considerada um “pequeno livro”, pela extensão e pelo formato (livro de bolso).

Houellebecq, como indico acima, optando pela abordagem ensaística, não nos entrega uma obra em padrão acadêmico, pautada e orientada pelo rigor metodológico das análises e interpretações, mas, ao mesmo tempo, demonstra um conhecimento “técnico” incomum entre escritores e ensaístas e tece comentários, na maioria das vezes,

oportunos, seguros e estimulantes. Sua abordagem evidencia um conhecimento de problemas relacionados à política, epistemologia e, sobretudo à estética e história da filosofia. Sobre um problema crucial da teoria do conhecimento, Houellebecq afirma:

Há algo de reconfortante sobre imaginar o próprio corpo como um objeto imediato; e preocupante em considerar a pluralidade, uma fonte inesgotável de infortúnio na prática, como consequência das condições formais do conhecimento; especialmente quando sabemos (e será o mérito do século XX ter estabelecido) que eles não têm a segurança de posse que Kant emprestou a eles. (p. 29, tradução nossa)<sup>2</sup>.

No capítulo introdutório, intitulado “*Sors de L'enfance, Ami, Reveille-toi*”, epígrafe de “O Mundo como Vontade e como Representação”, Houellebecq narra seu encontro com a obra de Schopenhauer. “Quando peguei emprestados os Aforismos sobre a sabedoria na vida na biblioteca municipal do VII distrito, eu poderia ter vinte e seis ou vinte e sete anos. Em qualquer caso, é muito tarde, para uma descoberta tão considerável”. (p. 22). Nessa apresentação o traço crítico e sarcástico, que aliás se nota em toda sua obra, transparece no texto do autor de “Partículas Elementares” em relação à filosofia nietzschiana:

Depois de duas semanas de pesquisa, consegui obter “O Mundo como Vontade e Representação”, numa prateleira da livraria de *Presses Universitaires de France, boulevard Saint-Michel*; na época, o livro só estava disponível naquela ocasião (durante meses eu estava surpreso, em voz alta, tive que expressar meu espanto para dezenas de pessoas: estávamos em Paris, uma das principais capitais europeias, e o livro mais importante do mundo nem sequer foi republicado! Na filosofia eu estava quase em Nietzsche; em uma constatação de falha, na verdade. Achei sua filosofia imoral e repulsiva, mas seu poder intelectual se me impôs. Gostaria de destruir o nietzschanismo, espalhar seus fundamentos, mas não sabia como fazê-lo; intelectualmente, fui espancado. Escusado será dizer que a leitura de Schopenhauer, novamente, mudou tudo. Eu nem o culpo pelo pobre Nietzsche; Ele teve a infelicidade de vir depois de Schopenhauer, assim como ele teve o infortúnio, na música, de atravessar o caminho de Wagner. (p. 23).

Apesar da declarada aversão à filosofia moral de Nietzsche, Houellebecq, concorda com o jovem filólogo da Terceira Extemporânea e determina assim o propósito específico de sua obra sobre Schopenhauer. Houellebecq destaca que, na obra

---

<sup>2</sup> Todas as traduções do texto de Houellebecq são de autoria do autor da resenha. Para os trechos nos quais o autor do livro cita a obra de Schopenhauer optei pela tradução do Prof. Jair Barboza, como no caso dos “Aforismos para a sabedoria de vida”.

HOUELLEBECQ, Michel. *En Présence de Schopenhauer*. Paris: Editions de L’Herne, 2017. 91 p.

supracitada, escrita pouco antes da guinada crítica, Nietzsche elogia a profunda honestidade de Schopenhauer, sua probidade, seu senso de justiça como pensador. Nietzsche destaca magnificamente seu estilo, um tipo de bonomia mal-humorada que lhe dá certo desgosto elegante característico dos grandes estilistas em literatura. “Tal é o objeto ampliado deste volume: proponho mostrar, através de algumas das minhas passagens favoritas, por que a atitude intelectual de Schopenhauer continua a ser um modelo para qualquer futuro filósofo” (p. 25).

Houellebecq destaca que na primeira parte de sua obra capital, na qual Schopenhauer determina o mundo dos objetos como um todo, na primeira perspectiva como representação, permanece-se sempre condicionado pelo sujeito. Nesta fase de seu trabalho, “ele não tem trinta anos”, nota um Houellebecq admirado: Schopenhauer, após duas obras (“Da quádrupla raiz do princípio de razão suficiente” e “Sobre a visão e as cores”), chegou a um uma posição perfeitamente clara: ele assimilou a crítica kantiana, da qual teria dado uma visão mais franca e mais exata. “O mundo é minha representação”. Segundo Houellebecq, o primeiro Wittgenstein, em seu *Tractatus Logico-Philosophicus*, não dirá nada além disso: “O mundo é o que acontece”<sup>3</sup>. As primeiras páginas do “Mundo” seriam, segundo Houellebecq, apenas uma síntese, particularmente clara, desses primeiros trabalhos. As afirmações do autor podem causar algum incômodo no público especializado, mas, apesar de Houellebecq não pretender ficar meramente na paráfrase do texto schopenhaueriano, ele também não tem a intenção, como já constatamos, de aprofundar temas com rigor acadêmico. Ao contrário de Wittgenstein - retoma Houellebecq - que emite a famosa conclusão ao final de seu *Tractatus* “sobre o que não se pode falar devemos nos calar”, Schopenhauer vai nos falar exatamente sobre o que não se pode falar: sobre o amor, a morte, a piedade, a tragédia e a dor. Assim, segundo Houellebecq, ele alcançou uma glória imperecível penetrando no domínio mais comum aos romancistas, aos músicos e aos escultores (*romanciers, musiciens, sculpteurs*). Sua introdução neste mundo se dá, nota Houellebecq, de maneira segura e serena, pois ele leva consigo não uma obra esotérica e subjetiva, mas a estrutura de um verdadeiro sistema filosófico. O traço destacado com entusiasmo por Houellebecq é que essa introdução ao universo das “questões proibidas” se dá

---

<sup>3</sup> No original “Die Welt ist alles, was der Fall ist”. Na tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos, “O mundo é tudo o que é o caso”. *Tractatus Logico-Philosophicus*, Editora EDUSP.

HUELLEBECQ, Michel. *En Présence de Schopenhauer*. Paris: Editions de L’Herne, 2017. 91 p.

magistralmente e com uma ênfase e predileção pela estética.

Houellebecq inicia o segundo capítulo convidando o leitor da mesma forma que Schopenhauer: a olhar para as coisas (*Porte un regard attentif sur les choses*). O convite é provocativo e iniciático. Houellebecq explica com clareza exemplar o conceito de Ideia platônica a partir desse convite alvissareiro. Quando, animados pelo poder da mente, afirma, abandonamos o modo habitual de considerar as coisas, deixamos de desvendar, à luz do princípio de razão em suas diferentes formas, suas relações entre elas. Quando, pela contemplação, já não se considera o lugar, o onde, o quando, e o porquê e o propósito das coisas, mas simplesmente e apenas a natureza delas; quando também não se deixa o pensamento abstrato, os princípios da razão ocuparem a consciência; quando, ao invés de tudo isso, se depara com a intuição de todo o poder da mente, que recai no próprio eu e a consciência inteira está cheia da contemplação pacífica de um objeto natural diretamente presente - seja uma paisagem, uma árvore, uma rocha, um edifício ou qualquer outro objeto, nesse momento o sujeito se esquece de si próprio. O sujeito puro, como um espelho claro do objeto, de tal maneira que é como se o objeto estivesse sozinho, sem que ninguém o percebesse, e que não podemos mais distinguir a intuição de quem a experimenta. Na medida em que a consciência é inteiramente preenchida e absorvida por uma imagem intuitiva e única; quando finalmente o objeto se libertou de toda relação com outra coisa, e o sujeito de toda relação com a vontade: então o que se sabe não é mais o particular, mas a Ideia, a forma eterna. Ora, a apresentação de Houellebecq, além de ser clara e didática, introduz o leitor em um aspecto fundamental para a compreensão da obra de Schopenhauer, a saber, a transição da estética para a ética. O objeto imediato da vontade, continua Houellebecq, nesse estado de contemplação, deixa de ser um objeto para a vontade, porque o indivíduo desapareceu no momento da contemplação: tornou-se o puro sujeito do conhecimento, liberado da vontade, da dor e do tempo.

É nesse ponto que Houellebecq dá uma contribuição para o tema da estética e para a cultura contemporânea. A propósito do papel do artista nesse processo e, considerando a inatualidade do conceito de gênio para a condição estética de nosso século, Houellebecq afirma:

Esta descrição da contemplação límpida - na origem de toda a arte - é tão limpa que se esqueceria de seu caráter profundamente inovador. Antes de Schopenhauer, vimos todo o artista como alguém que fabricava

coisas - certamente de uma fabricação difícil e de uma ordem especial... Mas o ponto original, o ponto gerador de toda a criação, é fundamentalmente diferente; consiste em uma disposição inata - e, conseqüentemente, não ensinável - na contemplação passiva e estupefata do mundo... Para o mundo de hoje, no qual a arte se tornou acessível para as massas e gera fluxos financeiros consideráveis, isso tem conseqüências cômicas... O artista, sozinho entre os homens, conserva uma faculdade de percepção pura, que normalmente é encontrada apenas na infância, na loucura ou no reino dos sonhos. O homem comum, este produto industrial da natureza, que fabrica milhares a cada dia, é, como dissemos, incapaz, pelo menos de maneira sustentada, dessa percepção puramente desinteressada que constitui a contemplação. (p. 40 e ss).

A análise de Houellebecq introduz um dos problemas mais relevantes da estética, retomada por Nietzsche, e que se encontra na própria cisão de duas filosofias fundamentais para a história do problema e que envolve a ética e a arte. Houellebecq vai ao ponto nevrálgico da discussão ao indicar a famosa frase de Stendahl, segundo a qual "A beleza é uma promessa de felicidade". Esta frase pode ser considerada como o foco de uma grande disputa filosófica. Se tal proposição fosse transformada em uma pergunta, a resposta à questão determinaria, necessariamente, visões radicalmente opostas sobre o papel da arte em relação à vida humana e à ética. Houellebecq lança mão do curtíssimo parágrafo 40 do *Mundo*, que trata do conceito de sublime e no qual Schopenhauer, à guisa de conclusão de um raciocínio anterior, afirma que "o Excitante, portanto, é, em toda parte, para ser evitado na arte" (p. 47). Além da oposição entre as concepções de Schopenhauer e Nietzsche em relação à estética apontada por Houellebecq, uma questão um tanto mais contemporânea não deixa de ser notada pelo autor francês. Após a arte do século XX, observa, o "espectador é quem põe a mesa", os *ReadyMade* de Duchamp são objetos conceituais. Ora, nada poderia ser mais contrário à concepção de Schopenhauer em relação à intuição artística, afirma Houellebecq. Para Schopenhauer, a beleza não é uma propriedade pertencente a certos objetos do mundo, à exclusão dos outros; não é, portanto, uma habilidade técnica que possa produzir sua aparência. O que ele expressa, ainda mais brutalmente, pela frase: "Dizer que uma coisa é bela é expressar que é o objeto de nossa contemplação estética". Segundo Houellebecq, como a ideia é e continua a ser intuitiva, o artista não está ciente em abstração da intenção e propósito de seu trabalho: não é um conceito, mas uma ideia que o guia: ele não pode dar nenhuma explicação sobre sua maneira de fazer as coisas: ele trabalha como que

inconscientemente. Certamente esse destaque relativo à estética distanciando conceito de ideia como fundamento da arte, além da questão da contemplação desinteressada, mereceriam análises mais aprofundadas a partir da interpretação de Houellebecq. O autor, por sua vez, mesmo em um capítulo demasiado curto, apresenta um problema complexo com objetividade.

No terceiro capítulo, Houellebecq deixa sua veia polemista mais uma vez em evidência. Intitulado "*Ainsis'objective le vouloir-vivre*", "Assim, objetiva-se a vontade de vida", expressão extraída diretamente do texto do "Mundo", o capítulo apresenta trechos dos parágrafos 23 e 24, bem como trechos do capítulo XXVIII do segundo volume (Suplementos), a fim de demonstrar, a partir dos textos schopenhauerianos, que sua própria concepção de natureza e sociedade encontra sólida argumentação a partir das teses do "Mundo". A vida animal não é apenas absurda, é atroz, afirma. A visão de mundo que Houellebecq desenvolve em obras como "Partículas elementares", "O mapa e o território" e mesmo no recente "Submissão" revelam traços inegáveis da influência da filosofia da natureza de Schopenhauer.

Se é o mundo como um todo inaceitável, não é proibido experimentar, para a vida, um desprezo particular. Não para "vida humana"; por toda a vida. A vida animal não é apenas absurda, é atroz. Que coisa execrável é essa natureza da qual somos parte! Exclama Schopenhauer seguindo Aristóteles. A passagem citada, com sua imensa frase final, profunda como o abismo, a majestosa desolação e o horror, é uma daqueles que podem causar uma estupidez, uma consciência final, como uma cristalização do relâmpago dos sentimentos espalhados pela experiência da vida; é difícil imaginar que alguém, em qualquer momento da história, possa adicionar uma única palavra. Quero dedicar isso especialmente aos leitores ecologistas (p. 61).

A passagem a que se refere Houellebecq, do parágrafo 29 do mundo, último parágrafo, do segundo livro do "Mundo", trata do fluxo infinito dos desejos humanos intercalados pelo tédio.

No capítulo intitulado "Le théâtre du monde" (O teatro do mundo), Houellebecq destaca a importância da perspectiva trágica para a filosofia de Schopenhauer. Para tal empreende uma análise da tragédia enquanto forma artística privilegiada. Na esteira de Schopenhauer afirma que as formas de descrição de um grande infortúnio são elementos indispensáveis para a constituição da tragédia. As muitas maneiras diferentes pelas quais o poeta traz esta descrição, lembra Houellebecq, podem ser reduzidas a três

espécies: através da malícia excepcional, ao lado dos limites do possível, de um personagem que será o arquiteto do infortúnio; através de um destino cego, isto é, por acaso e erro e finalmente pela simples situação dos personagens, um contra o outro, pelas circunstâncias; não há necessidade de um erro monstruoso, de um destino extraordinário ou de um personagem atingir os limites da perversidade humana; pelo contrário, personagens que são moralmente familiares para nós, colocados em circunstâncias comuns, estão em relação um ao outro em situações que os obrigam a se prepararem, em plena consciência e em plena consciência, os Infortúnios mais horríveis, sem que a culpa seja claramente atribuível a uma das partes. Esta é, no fundo, a maior das tragédias, pois tem seu fundamento na natureza volitiva corriqueira. Em suas manifestações cotidianas é natural e simples, por outro lado, determina, na soma total das ações, o fundo absurdo da discórdia natural.

Ao final de sua apresentação, Houellebecq questiona o papel dos “Aforismos para a sabedoria de vida”. Na interpretação do autor, paralelamente à sua missão de apresentar uma representação do mundo consistente com o estado das ciências, acessível à intuição e que satisfaça à razão, a filosofia tem tradicionalmente uma outra função que seria a de fornecer conselhos aplicáveis à condução da vida. Houellebecq afirma que é difícil dizer porque Schopenhauer decide se lançar a tal empresa, mas que certamente lamentaríamos a inexistência desse livro tão brilhante e tão acessível (Aforismo para a sabedoria de vida). Assim, mesmo apresentando sua versão trágica do mundo Schopenhauer nos apresenta a mensagem sempre única e radical do budismo. Mas, segundo Houellebecq, de um budismo, temperado, humanizado e adaptado à nossa cultura. Ao final de sua apresentação, o autor de “Submissão” sugere uma filiação de sua obra com o pensamento do mestre alemão ao afirmar que a tragédia da banalidade, produzida por circunstâncias comuns, tornada ainda mais inescapável, continua a ser escrita, sugerindo claramente sua adesão a esta visão estética.

No último capítulo, denominado “*La conduit da la vie: ce que lon a*” (O caminho da vida: o que temos), o autor retoma a questão da validade, eficácia e valor dos “Aforismos” através de uma questão sobre a força de interferência do intelecto em relação à fortuna. Nesse sentido, Houellebecq coloca uma questão fundamental que seria a de saber se as forças intelectuais são favoráveis ou não à felicidade humana. Com uma passagem do capítulo terceiro dos “Aforismos” (Daquilo que alguém tem), Houellebecq ilustra a

posição de Schopenhauer favorável à conservação de riquezas que possam conferir ao indivíduo autonomia para se esquivar da “corveia geral”, isto é, dos regimes de trabalho aos quais a imensa maioria da humanidade é submetida a ponto de uma multidão esmagadora e esmagada pelo trabalho árduo não poder afirmar “O dia me pertence”. Mas, é bom lembrar, a citação escolhida por Houellebecq para fechar o livro finaliza com uma depreciação em relação àqueles que, possuindo riqueza e condições, não investem seu tempo no desenvolvimento da humanidade através do estudo da ciência e do investimento no desenvolvimento intelectual próprio. A passagem dos *Aforismos* nos faz lembrar, em vários aspectos, o famoso texto de Kant sobre o esclarecimento, no qual o filósofo de Königsberg afirma que a preguiça e a covardia são causas da tutela e inimigas da autonomia do indivíduo.

Mas a fortuna herdada alcança o seu valor supremo quando cabe àquele que, dotado de forças espirituais superiores, persegue aspirações que não são de todo compatíveis com a atividade remunerada. Nesse caso, tal homem é duplamente dotado pelo destino e pode agora viver para o seu gênio, mas pagará multiplicada por cem a sua dívida para com a humanidade, realizando o que nenhum outro poderia e produzindo algo que contribui para o bem e a honra da coletividade humana. Outro, por sua vez, em tais condições tão favoráveis, merecerá o reconhecimento da humanidade pelas suas atividades filantrópicas. Quem, ao contrário, possuidor de fortuna herdada, nada realizar com ela, mesmo se de modo parcial ou por tentativa, ou sequer chegar a viabilizar para si mesmo, mediante o estudo profundo de uma ciência, a possibilidade de fomentá-la, é um mandrião desprezível. (p. 90).

Houellebecq parece querer destacar tanto a crítica feroz de Schopenhauer às condições brutais às quais a massa humana está submetida quanto dar voz ao moralista esclarecido que habitaria nos recônditos da alma schopenhaueriana.

De forma declaradamente ensaística e, por isso mesmo, não referenciada pela fortuna crítica e por recursos exegéticos - esta nunca foi a intenção do autor -, a obra *Em Présence de Schopenhauer* não pode ser considerada uma grande obra de um autor contemporâneo sobre a filosofia de Schopenhauer. No entanto, guardadas as proporções e as expectativas, pode ser apreciada com algum proveito pelo público especializado interessado em questões estéticas e pelo leitor comum interessado em uma introdução. De qualquer forma, aos estudiosos da obra de Schopenhauer e de sua influência sobre a cultura contemporânea em geral, acrescenta-se mais um testemunho do alcance, profundidade e perenidade da obra do mestre de Frankfurt.

Recebido: 15/01/18

*Received:* 01/15/18

Aprovado: 28/01/18

*Approved:* 08/01/18